

# UMA REFLEXÃO SOCIOLÓGICA DA RELIGIOSIDADE NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: O PAPEL DA FÉ EM COEXISTÊNCIA COM A CIÊNCIA NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA.

Nárgila Rebecca Luz da Silva Soares <sup>1</sup>  
Maria Jackeline Feitosa Carvalho <sup>2</sup>

## RESUMO

A relação entre a religião e a ciência faz parte diretamente da construção das sociedades, ambas as áreas do conhecimento fundamentaram as noções de organização e de padrões sociais, uma a partir de uma noção moral e subjetiva e a outra submetendo as sociedades a um processo de racionalização, a partir de um objeto e de um método estudado por cada área científica. A pandemia da Covid-19 trouxe um problema que não apenas afetou a saúde global, mas colocou a organização das sociedades em risco, o que para as Ciências Sociais poderia ser tratado como uma possibilidade para um estado de anomia, conceito desenvolvido pelo sociólogo Émile Durkheim. Diante disso, a realização da presente pesquisa é motivada devido à necessidade de compreender a relação entre a ciência e a religião. Desse modo, o objetivo principal é analisar o papel da religião na organização das sociedades ocidentais e a relação entre a ciência e a religiosidade no enfrentamento da pandemia. A presente pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura que tem como intuito realizar um levantamento acerca da temática, os documentos utilizados foram localizados em bases de dados, por meio da utilização de descritores específicos, desse modo, foram incluídos no estudo artigos, livros, teses, dissertações publicadas entre o ano de 2019 a 2022. A partir da análise dos estudos, notou-se que a ciência e a religião compõem os campos de conhecimento que mais dão respaldo para as práticas cotidianas das sociedades, sobretudo na pandemia, onde houve situações em que apenas uma área do conhecimento não seria capaz de sanar os questionamentos trazidos às diversas sociedades globais. Como conclusão, observa-se por meio da realização dessa pesquisa que a religião e a ciência atuaram alinhadas, embora em contextos distintos, no combate a pandemia da Covid 19.

**Palavras-chave:** Covid-19, Religião, Ciência.

## INTRODUÇÃO

O trabalho buscou analisar a coexistência da ciência e da religiosidade enquanto áreas de conhecimento e de suporte social no que se diz respeito ao enfrentamento da pandemia do covid-19. O tema desse trabalho foi escolhido com a intenção de compreender o diálogo que

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba –UEPB [nargila.soares@aluno.uepb.edu.br](mailto:nargila.soares@aluno.uepb.edu.br);

<sup>2</sup> Professor Orientador: Doutora em Sociologia pela UFPB, Docente da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [jackeline.carvalho@servidor.uepb.edu.br](mailto:jackeline.carvalho@servidor.uepb.edu.br);

foi estabelecido entre líderes das religiões cristãs com maior abrangência dentro do país (Católicos, evangélicos e espíritas kardecistas) com seus membros a respeito da correlação da fé com a ciência no enfrentamento da pandemia, procurando mostrar a relevância dessa coexistência na manutenção de uma sociedade menos caótica diante dessa situação que alastrou o planeta, sem fazer diferenciação entre os mais diversos povos.

A revisão bibliográfica abordou a perspectiva sociológica da formação histórica das sociedades, enfatizando a relação da igreja com o campo científico, de qual maneira se dava essa coexistência, e até que ponto ao longo das transformações sociais, a religião continuou sendo responsável pela formação de opinião e de práticas que fazem parte das mais diversas camadas que constituem uma sociedade.

A pesquisa qualitativa foi realizada na cidade de Campina Grande-PB a partir de entrevistas com líderes religiosos, onde foi discutido o papel da igreja no diálogo com a ciência durante a pandemia, identificando de qual maneira os líderes religiosos enquanto formadores de opinião de seus fieis se portaram frente às recomendações científicas e suas opiniões acerca das práticas negacionistas disseminadas por alguns grupos religiosos, assim como a atual percepção das igrejas acerca da ciência e da fé.

## **METODOLOGIA**

Foi realizada uma pesquisa do tipo revisão bibliográfica da literatura, a partir de livros e de artigos das áreas da construção do conhecimento nas ciências sociais e humanas, com os estudos da sociologia da religião e de outras áreas que pesquisam a religião como à história e a psicologia. O problema foi abordado diante da pandemia da Covid-19, procurando identificar a atuação dos grupos religiosos na cidade de Campina Grande-PB durante o cenário pandêmico, verificando suas contribuições e seus diálogos com a área científica. Para responder a esses questionamentos foi realizada uma pesquisa qualitativa, com entrevistas e com a observação de participantes dos três maiores grupos religiosos na cidade: Católicos-romanos, evangélicos e espíritas kardecistas. Essa observação participante foi dada através da participação em cultos ministrados de forma remota e posteriormente de forma presencial, e da interação com os líderes religiosos através de entrevistas qualitativas presenciais, com o objetivo de identificar seus papéis enquanto formadores de opinião de seus grupos no combate a pandemia e ao negacionismo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo da religião é um tema que faz parte diretamente da construção das ciências sociais, os principais nomes da sociologia clássica como Émile Durkheim e Max Weber estudaram os aspectos da vida religiosa e suas influências na vida em sociedade. Como também, alguns dos sociólogos contemporâneos como Anthony Giddens, Zygmunt Bauman e Pierre Bourdieu, que desenvolveram seus estudos a partir de análises acerca das interações sociais, do radicalismo religioso enquanto fenômeno social e da própria estrutura do campo religioso como uma forma de comunicação e organização social.

Weber analisou e comparou diversas religiões que já existiram e que ainda existem, avaliando suas atuações sobre o comportamento dos indivíduos na sociedade, e sua direta influencia na distribuição das camadas sociais, ou seja, o índice de filiação, por exemplo, ao protestantismo, no período de grande expansão do capitalismo se deu além dos motivos substanciais religiosos, mas também como uma procura pela ascensão social.

O mesmo ocorre com a estatística de filiação religiosa de qualquer parte em que o capitalismo, na época da sua grande expansão, teve a possibilidade de alterar a distribuição social de acordo com as suas necessidades e determinar a sua estrutura social (WEBER, 2005, p. 19).

Dentro da perspectiva das ciências sociais, Max Weber atribuiu às crenças religiosas do ocidente um papel importantíssimo na construção das condutas de grupos humanos. Em um dos seus livros de maior destaque “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (1905), ele elaborou uma perspectiva teórica que interligava o modelo de vida dos protestantes ao surgimento do modo de produção capitalista.

Weber desenvolve o conceito de afinidade eletiva, a fim de explicar a influência que os valores religiosos calvinistas, exerciam sobre a atividade capitalista. Weber ao estudar também as religiões orientais, percebe-a como um meio de manutenção da ordem social, e da estratificação das sociedades, ou seja, mantinham a sociedade em imobilidade, sem que houvesse qualquer possibilidade de haver mudanças, principalmente de ordem econômica e social.

Max Weber conseguiu apresentar mediante os seus estudos empíricos, como a religião possui um papel nas transformações sociais e como ela impacta de forma muito ativa todos os

setores de uma sociedade, como por exemplo, a economia, a política e a cultura, sendo determinante até na construção dos valores morais de uma sociedade.

Outra abordagem das ciências sociais é representada pelo sociólogo Émile Durkheim, que observou em suas análises sociológicas que o indivíduo seria mais forte no seu papel de ser social, quando participa de um grupo, em tese, esse determinado grupo representaria uma força na sociedade e conseqüentemente ao indivíduo. Assim, funciona o papel das igrejas, permitindo a união de um indivíduo a um grupo social, que lhe comunga dos mesmos ideais.

Émile Durkheim, compreende a religião, como um fenômeno coletivo, que determina um sistema de crenças e práticas, para ele, a religião determina um papel social que é de extrema relevância na composição de uma sociedade. A ideia trazida pela religião, como uma espécie de força moral, de certa forma, limita a conduta dos seus praticantes, dentro de uma dualidade que determina o que é certo e o que é errado, fazendo com que a sociedade viva dentro de uma civilidade, quando se segue os parâmetros já pré-estabelecidos pela crença religiosa.

O sagrado e o profano foram sempre e por toda a parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais nada há em comum. (...) Uma vez que a noção de sagrado é no pensamento dos homens, sempre e por toda a parte separada da noção do profano. (...) Mas o aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente. As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer a distancia das primeiras. (DURKHEIM, 1989, p. 70).

Ao tomar a religião como objeto de estudo, Durkheim, se interessa pelos rituais e símbolos e percebe neles o efeito de aproximar grupos sociais, a partir de uma constituição de bases sentimentais, que geram afinidade e representações coletivas. O sociólogo observa que a racionalidade prática, não seria o fundamento dos processos de sociabilidade, a conduta humana é orientada por bases emocionais, e esses sentimentos fornecem elementos para que se proceda logicamente às operações sociais.

Para Anthony Giddens, a relação que Durkheim estabelece entre a sociedade e a religião, devem ser interpretadas de forma a compreender que, ele não afirma que a religião cria a sociedade, mas é uma expressão da autocriação, sendo assim, não seria uma teoria idealista, mas um princípio metodológico que diz que os fatos sociais devem ser explicados a partir de outros fatos sociais.

Giddens compreende a religião de maneira formalista, analisando o seu caráter externo, a partir das simbologias e das atividades que se compõem a partir de grupos coletivos. As práticas religiosas são modificadas a partir de cada cultura, mas de forma geral, são capazes de albergar valores e condutas a seus povos.

As religiões envolvem um conjunto de símbolos, que invocam sentimentos de reverência ou de temor, e estão ligadas a rituais ou cerimoniais (como os serviços religiosos) dos quais participa uma comunidade de fiéis. (...) Mesmo que as crenças de uma religião possam envolver deuses, quase sempre existem seres ou objetos que inspiram atitude de temor ou admiração. (GIDDENS, 2005, p. 42)

Numa perspectiva partilhada pelos primeiros sociólogos, onde se pode destacar Durkheim e Weber, existia uma hipótese de que as religiões tradicionais se tornariam cada vez mais marginalizadas, no mundo moderno, ao passo que quanto mais às sociedades se modernizassem, buscariam pela ciência e pelas tecnologias e a religião perderia sua influência na vida social.

Seguindo essa perspectiva, Giddens compreende o fenômeno da secularização, avaliando questões sobre certo número de aspectos e dimensões, a partir de toda complexidade que apresenta as estruturas sociais de uma sociedade moderna. Embora diante da secularização o número de fiéis praticantes possa diminuir consideravelmente, a dimensão que diz respeito às crenças e a influência direta nos valores morais devem ser analisados.

Giddens constata que a igreja perde ao longo do tempo seu papel de centralidade como ocorria nas sociedades tradicionais, embora muitas pessoas se denominem religiosas, muitas vezes sequer fazem parte diretamente de algum grupo religioso. Sendo a religião mais um status para o indivíduo do que uma prática do sagrado. Em 1998, A maioria dos adultos britânicos considerava-se cristãos, embora cerca de 70% não frequentasse nenhum grupo religioso ou apenas visitasse de forma esporádica. (GIDDENS, 2007).

A partir dessa perspectiva analítica, se observa que embora os indivíduos não estejam ligados a um determinado grupo religioso na qualidade de membro, de alguma forma, as

idéias e consequentemente a sua prática enquanto ser social estará em alguma dimensão correlacionado a práxis da religião ao qual este se declara partícipe.

Em suas análises acerca da modernidade, Bauman (1998) buscou compreender como o homem pós-moderno percebia Deus, e o quanto essa percepção fazia parte da construção das formas religiosas. O pensamento baumaniano sobre a modernidade esta totalmente correlacionada coma religião, a interferência na liquidez das relações aponta para mudanças socioculturais que são capazes de modificar as estruturas solidas da religião.

Na modernidade existe uma nova lógica de conceber o mundo, que é estabelecida a partir de uma nova modalidade de cultura, que se caracteriza por determinadas contingências. Bauman (2004) observa uma tensão entre os determinantes institucionais e o império das vontades.

Os conflitos entre ciência e religião sempre existiram, principalmente porque cada área do conhecimento tem visões e respostas muito distintas para vários questionamentos, sempre se mantendo em oposição no que se refere ao território do saber. Para o autor Peter Harrison, em sua obra os territórios da ciência e da religião (2017) a compreensão sobre ciência e religião precisam ser desconstruídas, para depois serem reconstruídas novamente de maneira clara, mostrando como as fronteiras da ciência e da religiosidade se relacionam historicamente, e suas influencias mútuas na construção uma da outra, sobretudo nas relações dentro da sociedade pós-moderna.

Na concepção teórica do sociólogo Zygmunt Bauman, o fundamentalismo emerge na pós-modernidade, no que ele vai conceituar enquanto modernidade líquida, trazendo a noção de que o ser humano não é autossuficiente, necessitando assim ser guiado. Esse nascimento do fundamentalismo não se dá por acaso, mas a partir das incertezas que fazem parte da vida social, como as incertezas, impossibilidades, inseguranças, em suma, a falta de satisfação pessoal, que é justamente o ponto que o fundamentalismo procura sanar, a partir da idéia de que será desenvolvido em seus membros um “poder” capaz de ultrapassar as barreiras das insatisfações.

A relação entre a ciência e a religião nos últimos anos principalmente, têm se tornado objeto de pesquisa de muitas áreas do conhecimento, a pandemia do covid-19 abriu espaço para discussões mais ampliadas do papel desenvolvido pela religião diante de um momento de instabilidades sociais, principalmente incitadas pelo medo, pelo isolamento social, pelo

número altíssimo de óbitos, e pela dificuldade da própria ciência no início da pandemia, em encontrar respostas rápidas que pudessem sanar por completo esse momento.

O Brasil é um país conhecido por sua diversidade religiosa e pela liberdade de culto que é constitucionalmente protegida, dando aos fiéis direito e liberdade para se unirem em grupos e praticarem suas crenças livremente. Em suma, as religiões mais populosas hoje no país, são representadas pela presença do cristianismo, segundo dados demográficos apresentados pelo IBGE até o ano de 2019, havia cerca de 123 milhões de católicos-romanos no Brasil, o que representava 64,4% da população, já de protestantes (evangélicos) seria um público de aproximadamente 42,2 milhões de pessoas, representando em percentuais 22,2% da população brasileira.

Apesar de cada grupo aqui destacado pertencer a uma corrente bem diferenciada de práticas religiosas, a ideia central que aproxima ou mesmo une esses grupos principalmente no que se refere à pandemia da Covid-19, é o auxílio através das práticas do sagrado e as recomendações de seus respectivos líderes enquanto participes diretos na formação da opinião de seus grupos.

A pandemia não só trouxe desafios para o campo técnico-científico que é responsável pelas questões epidemiológicas, como também trouxe à tona vários desafios socioculturais, admitindo uma reflexão sobre as religiões, acerca de suas atuações, de como estão lidando com esse momento caótico e qual o suporte estão dando à sociedade que se encontra fragilizada.

A OMS (organização mundial da saúde) incluiu como parâmetro, desde o ano de 2011, a espiritualidade como um ponto para se avaliar a qualidade de vida dos indivíduos. Compreendendo que pessoas que possuem algum vínculo com práticas de fé, conseguem se recuperar mais rápido, ou mesmo, enfrentam batalhas de doenças como o câncer, por exemplo, de forma mais tranquila.

A pesquisadora Anna Carletti, doutora em história pela universidade federal do Rio Grande do Sul, investigou durante os anos de 2020 e 2021, a relação entre as recomendações do sistema de saúde e a conduta das igrejas católicas e protestantes no Brasil. Observando que a igreja católica-romana se mostrou resiliente e pacífica, cumprindo com as recomendações da OMS, alguns segmentos da religião protestante seguiram com a mesma pacificidade, orientado seus corpo de fiéis, a seguirem as regras de saúde, já outros segmentos mais

conservadores, apresentaram resistência, e fizeram uma frente que dava apoio a uma conduta negacionista emergida durante a pandemia.

Um artigo desenvolvido pelo cientista social Clayton Guerreiro (2021), no doutorado de ciências sociais da Unicamp, tratou sobre a pandemia e o negacionismo no Brasil, sobretudo apoiado pela visão governamental do presidente da república e de muitas igrejas evangélicas.

O artigo se propôs a investigar a conexão entre líderes evangélicos e o governo do presidente Jair Bolsonaro. Diante da orientação dos órgãos de saúde, que pediam o isolamento social como frente central de combate ao vírus, muitas denominações protestantes começaram a apresentar ações a partir de vieses políticos.

Quando os estados determinaram que as igrejas se mantivessem fechadas e os cultos presenciais fossem suspensos, muitas igrejas protestantes históricas seguiram essa recomendação, assim como também de segmentos pentecostais etc. inclusive muitos templos foram oferecidos para que servissem de espaço para hospitais de campanha ou mesmo como ponto de recolhimento de roupas e alimentos destinados a doações.

Em contrapartida alguns dos principais líderes evangélicos brasileiros atuaram contra o isolamento social, a maioria dos pastores que se colocaram contra as restrições, disseminavam uma ideia de que a pandemia seria uma praga diabólica, utilizada por um determinado segmento político para acabar com o Brasil, e o primeiro passo para a destruição seria justamente o fechamento das igrejas, fazendo com que as pessoas se afastassem da palavra de Deus.

O negacionismo pode ser visto de forma mais abrangente no enfrentamento da pandemia, a partir de uma linguagem de poder, onde certas categorias políticas, religiosas e sociais, se colocaram contra as medidas de saúde para a contingência da pandemia. A frente de maior destaque no país, teve como ator social o presidente da república, que afirmava em redes abertas que a covid-19 não passaria de uma simples “gripezinha”.

O economista Caponi (2020) destacou que o presidente, junto aos pares religiosos que disseminavam o mesmo discurso, estariam preocupados com a atividade neoliberal, na manutenção da economia às custas da vida humana. Prova disso seria a intenção do presidente em deixar todos os serviços abertos e em funcionamento total, para que o vírus se disseminasse pelo que se chama de “imunidade de rebanho”, assim todos pegariam e só



morreria os que por algum problema específico da sua própria genética não resistisse a essa “gripe”.

Outro ponto marcante do negacionismo se deu com a chegada das vacinas, as discussões sobre o imunizante romperam as barreiras do cenário científico, e ganhou espaço de muita relevância social nos discursos políticos e religiosos. Os líderes religiosos junto ao presidente da república começaram a tratar as vacinas como algo negativo e que traria problemas irreparáveis a quem se submetesse a tomá-las. Para muitos religiosos a vacina representaria o sinal da besta, ou seja, o símbolo de satanás para quebrar a ligação deles com Deus.

Em suma o negacionismo é mais do que uma simples disseminação de ideias, é uma construção social e cultural capaz de mexer nas bases da sociedade, como foi percebido na pandemia, as inúmeras oposições que geravam conflito entre os defensores das ideias negacionistas e os cientistas.

O negacionismo brasileiro evidenciou uma construção política de grupos afins, e trouxe também um alerta a comunidade científica, ao passo que o discurso de poder de líderes religiosos mexeu na estrutura solidificada a muito tempo pela ciência. É importante ressaltar que o negacionismo não foi inserido nas práticas religiosas de forma unânime, muitos segmentos cristãos acompanharam e atuaram de acordo com as recomendações científicas, inclusive por crerem que esta faz parte de Deus.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A cidade de Campina Grande está localizada no agreste paraibano, é considerado um dos maiores pólos industriais do Nordeste, como também é referencia na área da tecnologia, sendo considerado um centro universitário devido ao grande números de universidades e faculdades na cidade, sendo três delas públicas. De acordo com o IBGE (2020) Campina grande possui aproximadamente 411 807 habitantes.

No que se refere ao campo da religião, Campina Grande se destaca por promover os maiores encontros religiosos no Brasil, sendo considerada “a cidade da fé”. Há mais de vinte anos a cidade é palco no mês de fevereiro para vários encontros religiosos de diferentes grupos, como os católicos, os evangélicos, espíritas kardecistas, além do evento da nova consciência que une os mais diferentes grupos religiosos com a proposta do respeito às diferenças e da convivência ecumênica.

De acordo com o Censo (2010) a cidade possui aproximadamente 65,85% dos seus habitantes se autodeclarando católicos-romanos, 23,33% de evangélicos, sendo estes subdivididos em correntes heterogêneas, 1,5% que se declaram espíritas Kardecistas, e 2,9% que fazem parte de outras religiões.

Foram entrevistados três pastores protestantes, o primeiro da igreja Congregacional, o segundo da igreja Batista e o terceiro da igreja Assembléia de Deus, os dois primeiros seguidores da corrente Calvinista, e o último da corrente pentecostal Arminiana. As igrejas citadas apresentam características socioeconômicas distintas, inclusive ao que se refere ao grau de escolaridade dos pastores. Foi entrevistado um Padre católico e uma líder de um centro espírita de renome na cidade.

O pastor da igreja Congregacional é também psicólogo e professor de teologia, já o da Batista tem formação em radiologia e filosofia, o pastor da Assembléia de Deus trabalha como operário em uma fábrica na cidade, em suma, todos possuem outras ocupações além do seu cargo de pastor. O padre entrevistado é também especialista na área da bioética e tem formação em Filosofia, já o líder espírita é professor universitário do departamento de Matemática.

A entrevista se baseou em questionar qual foi o papel da fé no suporte a sociedade no momento pandêmico e quais foram às recomendações transmitidas pela igreja aos seus membros, em tese, se essas recomendações seguiram os protocolos científicos. Com relação aos pastores, os que seguem o viés Calvinista se mostraram conscientes sobre os seus papéis enquanto líderes de grupos coletivos, apresentando falas de respeito à ciência e da necessidade do diálogo entre o campo religioso e o campo racional, para que a sociedade funcione de forma harmônica e pacífica.

Já o pastor assembleiano de corrente pentecostal, enfatizou que a palavra de Deus está acima da ciência, que embora haja a necessidade de hospitais e de protocolos da área da saúde, se Deus não protegesse as pessoas, nada disso impediria que o vírus contaminasse e levasse à morte os indivíduos.

Embora todos tenham evidenciado que suas orientações aos seus respectivos grupos se pautaram nas normas de saúde, durante a entrevista os três expuseram o papel de extrema importância da igreja na pandemia, evidenciando que somente a ciência não teria dado suporte suficiente para o combate de tantas mazelas acarretadas pelo vírus.

Já o padre entrevistado afirmou que a igreja católica sempre esteve ligada diretamente ao campo científico, e isso poderia ser visto em todo o percurso histórico das sociedades, afirmando que durante a pandemia nenhuma prática negacionista partiu dos católicos, mas somente o respeito à ciência e a todo protocolo sanitário, pois a comunidade católica sempre esteve preocupada com toda sociedade.

Quanto ao líder espírita kardecista, quando questionado sobre o papel do espiritismo na relação da fé e da ciência no combate a pandemia, ele afirmou que o papel espírita foi o mesmo de sempre, o do respeito à ciência, do respeito às leis, e a instrução aos fiéis pautada pela lógica da fé, mas também pelas práticas racionais de combate ao momento pandêmico pelo bem coletivo.

Embora todos tenham se mostrado conscientes a respeito do papel científico como protagonista no combate ao vírus que se disseminou por todo planeta, foi possível perceber que principalmente os protestantes, tendem a colocar a religião como parâmetro central de organização de suas vidas e de suas condutas, inclusive em uma fala comum dos três pastores, que afirmaram que a bíblia é ciência, e que a ciência é uma permissão divina, sendo assim, os cientistas só poderia fazer aquilo que Deus lhes permitisse.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho buscou compreender a coexistência entre as práticas religiosas das três religiões de maior abrangência no Brasil no diálogo com a ciência no enfrentamento da pandemia da Covid-19. Os estudos encontrados a partir de uma revisão bibliográfica nas Ciências Sociais demonstraram que historicamente a religião e a ciência têm caminhado na formação das sociedades, embora ocupem lugares distintos acerca das formas de conhecimento, ambas fazem parte das noções e das práticas de sociabilidade que orientam as formas de compreender a sociedade e de agir enquanto indivíduo dentro da coletividade. Diante dessa noção apresentada na fundamentação teórica, foi analisado o diálogo entre a fé a ciência durante a pandemia, onde foi possível perceber a coexistência de ambas de forma muito expressiva dentro da sociedade brasileira, percebendo a atuação da igreja enquanto formadora de opinião de grupos coletivos, assim como também, disseminadora de uma prática estrutural dentro da sociedade que negava a pandemia ou pelo menos negava as práticas científicas como centrais no combate ao vírus.

## **REFERÊNCIAS**



WEBER, Max. **Sociologia da religião**. Coleção fundamentos da filosofia. São Paulo 2019, ícone editora.

HARISSON, Peter. **Ciência e religião**. Rio de janeiro 2014, editora idéias e letras 4ª edição.

NORONHA, Claudio **Pereira. Religião e covid-19**. Editora rede Brasil, 2020.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BAUMANN, Z. **O mal estar da pósmodernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.